

REVISTA

FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

Entre crenças pessoais e coletivas: Eis a docência!'

Nelson Ferreira da Costa Filho

Entre crenças pessoais e coletivas: Eis a docência!

Nelson Ferreira da Costa Filho¹

RESUMO: O artigo tem como tema a docência, o exercício da profissão pautado nas crenças pessoais e coletivas, na valorização da construção de conceitos de autoestima, autoimagem, na inter-relação social e na construção de uma atmosfera instigadora de valores humanos. Atitude do professor, nesse sentido, expressa suas expectativas, define rumos, gera desafios aos estudantes ou, então, pode agir de forma contrária, desestruturando e causando desinteresse no grupo de estudantes. A tessitura do texto está organizada de forma a responder indagações sobre questões pontuais: o docente acredita no seu trabalho; em si mesmo; nos alunos; o que ele faz; quais atitudes pode assumir e que atmosfera ele pode criar no seu ambiente de trabalho. Dentre os teóricos que contribuíram com a abordagem estão Arantes (2003); Casassus (2009) e Nóvoa (1992). Os resultados esperados ficam no âmbito da motivação à reflexão do fazer, do trabalho, das ações laborais, sejam elas no universo do magistério ou em outra área de atuação profissional.

Palavras-chave: Reflexões docentes. Crenças. Professor. Aluno.

Between personal and collective beliefs: This is the teaching!

ABSTRACT: The article focuses on the teaching profession, the profession guided on the personal and collective beliefs, in valuing of self-esteem construction concepts, self image, social interrelationship and the construction of an instigator atmosphere of human values. Teacher's attitude in this regard, expresses their expectations, sets direction, creates challenges to students or, then, can act contrary, destructuring and causing disinterest in students group. The text structure is organized to answer questions about specific issues: the teacher believes in their work; in itself; in students; what does he do; which attitudes can take and what atmosphere it can create on their work environment. Among the theorists who contributed to the approach are Arantes (2003); Casassus (2009), Nóvoa (1992). The expected results are in motivation's scope to reflection of doing, of work, in employment actions, whether in the teaching universe or in another area of professional practice.

Keywords: Reflections. Docent. Beliefs. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

A paixão docente é inexplicável. Mas é também indisfarçável (Gabriel Peressé. Com adaptação).

O objeto de estudo do artigo consiste num recorte sobre a docência universitária, uma reflexão desenvolvida ao longo do tempo, nas várias discussões e nos encaminhamentos didáticos, sobre o fazer pedagógico, sobre as crenças em si mesmo e no outro, prática repleta de atitudes e de atmosfera capazes de incentivar o autoconhecimento e a construção de autoconceitos pessoais.

¹Graduado em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar, Filosofia da Educação, Sociologia e disciplinas pedagógicas, Pós-graduado *Lato Sensu* em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Escolar, Mestre em Educação e Linguagem UNIR, Doutorando em Administração de Empresa pela Uniserty Europia, Ciências da Educação pela UTIC. Atuou como Professor do Ensino Fundamental e Médio, Diretor Escolar, Supervisor, Coordenador Pedagógico, Orientador Educacional, Delegado Regional de Educação, Professor da Universidade Federal de Rondônia UNIR/RO, Campus de Rolim de Moura, Professor da Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Rolim de Moura.

A finalidade é buscar responder às indagações, que teimam em existir, do eu docente, a partir de aspectos relacionados ao trabalho escolar, à criação de vínculos, iniciados na sala de aula, e prolongados fora desse ambiente.

A preocupação com a docência tanto na educação básica quanto no ensino superior tem nos levado à reflexão dos encaminhamentos e envolvimento dos professores no exercício de sua profissão. Trata-se de estudo que busca explicitar a dinâmica interna do processo, procurando os saberes pedagógicos e políticos, como indicadores do reconhecimento de sua prática pedagógica.

O artigo é, portanto, resultado de uma autorreflexão, pautada nas observações ao longo de nossa prática e da vivência em sala de aula, com a contribuição bibliográfica de autores que tratam do papel e da prática docente, caracterizando-se, ainda, nesse sentido, numa revisão da literatura.

Quanto aos dados, estes não se configuram materializados fisicamente, porque pertencem à memória docente, são resultados de não-apagamentos de lembranças, de momentos experienciado e impressos no cérebro. São, na verdade, registros de recriação de acontecimentos, matizes expressas na tela mental de um docente que fez do magistério sua principal escolha e sua forma de vida.

1. O professor acredita no seu fazer?

Os professores apaixonados muito bem sabem das dificuldades, do desrespeito, das injustiças, até mesmo dos horrores da profissão (Gabriel Peressé).

Acreditar em o próprio fazer docente implica no entendimento do eu, que está relacionado à forma como a pessoa se comporta, as crenças que ela tem de si mesma, dos outros e das coisas a que se toma para desenvolver tarefas pedagógicas. Esse entendimento sobre si mesmo resulta na boa relação interpessoal entre docente e discentes e, conseqüentemente, contribui para a eficiência na sala de aula.

Nesse sentido, o autoconhecimento, associado à atitude do professor, nos aspectos social, didático e político, é tão importante quanto o seu fazer pedagógico, que o diferencia pela sua capacidade de agir e de lidar com as informações e fatos, tornando-o conhecedor das variáveis que possam intervir na sua prática, conforme atesta Zabala (1998, p. 13).

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhoria profissional

mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las.

Uma educação de qualidade está diretamente condicionada ao fato de o professor compreender que o seu fazer pedagógico é determinante para o sucesso do estudante. A atitude do professor tem papel fundamental em relação a si próprio e aos seus acadêmicos. A compreensão envolve a preparação em termos de formação. Gil, (2009, p. 16) afirma que:

A preparação pedagógica do professor universitário, todavia, não constitui tarefa fácil. Primeiro porque não há uma tradição de cursos destinados à preparação desses professores. Depois porque, em virtude de acomodação, temor de perda de status ou e não-reconhecimento da importância da formação pedagógica, muitos professores negam-se a participar de qualquer programa de formação ou aperfeiçoamento nessa área.

O professor universitário, de modo geral, não tem tido a preocupação com o seu eu, sai das Instituições de Ensino Superior acreditando que ser professor é dominar os conteúdos. No entanto, essa tarefa demanda outras questões que ultrapassam o domínio de informações, exigem, além disso, autoconhecimento, já reforçado neste texto, a relação professor-aluno e o conhecimento do potencial do estudante. Esse conjunto de características deveria ser desenvolvido durante a formação do profissional.

Segundo Godoy, (1988, p. 31),

Boa parte da responsabilidade acerca da desvalorização da preparação pedagógica dos professores deve-se a própria universidade, que nem sempre valoriza o professor no desempenho de suas funções docentes. O prestígio de uma universidade é medido por seus cursos de pós-graduação e pelas pesquisas que promove. O professor, por sua vez, tende a ser valorizado por sua titulação e por seus trabalhos científicos. Seu mérito enquanto professor, não é válido. Chega-se, portanto, à irônica conclusão de que nas instituições denominadas de ensino superior, o 'ensino' nem sempre é levado em conta.

Se o professor desenvolve o autoconhecimento, ele propicia que, também, os acadêmicos pensem e reflitam sobre si mesmos, criando assim um círculo reflexivo sobre as potencialidades tanto individuais quanto coletivas. Nesse caso, a imagem das ações do docente reflete no seu fazer pedagógico, determina sua postura e o torna mais confiante em seus alunos. A confiança leva o discente a melhor lidar com as coisas, separando-as racional e emocionalmente, ao tempo que ele constrói sua imagem positiva e relativa à sua aprendizagem.

Casassus (2009, p. 204) contribui com a abordagem dizendo:

A compreensão emocional que surge quando os professores estabelecem vínculos com os alunos e fazem desses vínculos o suporte da aprendizagem cria condições propícias para a aprendizagem e para resultados acadêmicos de alto nível, gera sentimentos de satisfação e bem-estar profissional nos professores, transforma a tarefa educativa numa aventura comum, vitaliza os fazeres do ensinar.

É preciso destacar ainda a necessidade de se evitar ou induzir a formação de conceitos negativos, ao contrário, é preciso que o professor reforce no aluno a sua imagem positiva, reforce o autoconceito positivo que é o primeiro passo para o ensino de qualidade. Os professores devem representar forças significativas na vida de seus alunos. Sobre esse ponto, Moquera, (1987, p. 35), afirma que

(...) todo professor quer encontrar o aluno num nível significativo, todo professor quer sentir que o que ele faz, faz diferença. Ainda, para influenciar os alunos é necessário tornar-se um outro significativo na vida deles. Raramente somos modificados por pessoas que vemos como insignificantes ou não importantes. O modo como o professor torna-se significativo parece estar em duas forças: no que acredita e no que ele faz.

Percebe-se que quando o professor acredita em seus alunos, estes procuram ser cada vez melhor para ser motivo de orgulho a seu professor. É como se a prática docente fosse uma via de mão dupla, um ir e vir, um fazer e refletir, enfim, um ponto côncavo-convexo que produz satisfação aos dois principais agentes da universidade. De acordo com Arantes (2003, p. 29),

(...) chama a atenção para a necessidade de desenvolver uma escola em que os profissionais tenham atitudes positivas, para que possam ter eficácia na sua ação pedagógica. Desse modo, propõe que deva ser realizado um trabalho com os professores em que construam-se e valorizem sua autoestima, autoconfiança e autoconhecimento, propiciando, assim, um ambiente educativo baseado na satisfação, na alegria, na felicidade, na solidariedade e na generosidade, também para com os discentes (e seus pais e os gestores).

A construção do trabalho, pautada na autoestima, gera um ambiente educacional auto gestor, pessoas autônomas, ao mesmo tempo solidárias, satisfeitas consigo mesmas e com os seus pares. De alguma forma, isso está vinculado ao autoconceito daqueles que atuam na instituição de ensino superior e implica na produção de conhecimento, na confiança de si e dos outros.

Stobäus (1983, p. 56) afirma que o autoconceito é formado por meio de

[...] retroalimentação do ambiente social e físico, já que esta retroalimentação fornece chaves que ajudam a pessoa a descrever o tipo de indivíduo que ela é, definindo as fronteiras de seus envolvimento e compromissos que subjazem às

presunções que ela faz sobre como deve ser tratada pelos outros e com o deve tratar os outros.

Portanto, acreditar no que se faz perpassa primeiro pelo autoconceito e pela autoestima docente. Constituintes relevantes da/na formação e do/no conseqüente fazer pedagógico do professor, cujos reflexos alcançam o estudante que também desenvolve essas duas sensibilidades tornando-se sujeito potencialmente reflexivo sobre si e sobre suas atitudes.

2. O professor acredita em si mesmo?

O professor apaixonado não deixa de professar, e seu protesto é continuar amando apaixonadamente (Gabriel Peressé).

As atitudes positivas e realistas que o professor tem de si mesmo e de suas habilidades revelam quem ele é e podem contagiar o aluno a tentar “imitá-lo”, a conhecer-se, a crer no seu eu. A crença nas potencialidades próprias funciona como se o ser humano estivesse completo de si mesmo, conhecesse a sua essência, a sua personalidade e pudesse prever a relação com o outro.

De acordo com as experiências e vivência de sala de aula, fica claro que quando o professor vê a si próprio de forma positiva consegue perceber o aluno como um grande aliado na construção de sua autoimagem positiva. A atitude que o professor tem de si mesmo influencia no autoconhecimento e na construção de sentimentos e, também, torna a sala de aula mais produtiva.

De acordo com Mendes (2011, p. 35), *dependendo de como o professor percebe-se, avalia suas experiências pessoais e profissionais e entende seu contexto educativo, pode ter perspectivas positivas (ou negativas) acerca de si mesmo e o reconhecimento de seu trabalho.* Aqueles que se aceitam tendem a ser mais aceitos pelos outros e perceber os outros de modo mais aceitável.

Axpe, Goñi, Zulaika, (2009, p. 35)

(...) explicam que os docentes que possuem um autoconceito positivo/realista servem de boa referência para seus alunos e contribuem para a criação de um clima favorável ao processo educativo, e acreditam que uma das metas da educação deveria estar centrada na formação de um realista autoconceito, pois o mesmo é essencial para o desenvolvimento e a satisfação pessoal e profissional. O docente que tenha um autoconceito realista provavelmente poderá ser também um melhor profissional em sua ação pedagógica. Em contrapartida, aquele educador que não confia muito em si, ou sente frustração, dificilmente poderá suscitar motivação, confiança ou otimismo nos seus alunos.

Um profissional que não acredita em si mesmo precisa ser encorajado a buscar aconselhamento, análise psicológica ou terapêutica para conseguir superar as dificuldades que o cercam, o professor precisa estar bem para que nada possa lhe afetar emocionalmente, partindo do princípio de que a crença nele próprio pode tornar o ensino mais eficiente.

O professor que se respeita, que tem amor próprio e auto aceitação, tem atitudes favoráveis em relação a si mesmo de forma que ele tem condições melhores para fundamentar conceitos realistas e positivos do seu eu em seus alunos. Na verdade, o professor precisa ter paixão pela sua profissão, gostar de gente, ter amor a si próprio, acreditar em si mesmo e também acreditar em seu aluno.

A não-crença em si interfere na sua prática profissional de modo negativo.

3. O professor acredita nos alunos?

Os olhos dos professores apaixonados brilham quando, no meio de uma explicação, percebem o sorriso do aluno que entendeu algo que ele mesmo, professor, não esperava explicar (Gabriel Peressé).

O professor que acredita em seu aluno assume uma postura significativa, procura valorizar a capacidade e fortalece o sucesso acadêmico. Agindo assim contribuem de forma positiva e criam expectativas favoráveis na sua turma. Estudos têm mostrado o sucesso da escola quando o professor acredita em seus alunos.

De acordo com Bear, Minke, Griffin e Deemer (1998, p. 23),

Foram avaliados o critério estabelecido pelo aluno para julgamento do sucesso acadêmico, o autoconceito global, a percepção do retorno do professor, a satisfação em leitura e a comparação social do desempenho em leitura. O retorno do professor foi o critério mais comum que os sujeitos apontaram para avaliar seus progressos acadêmicos, tanto em alunos que apresentavam como aqueles que não apresentavam dificuldades de aprendizagem. Além disso, sentimentos de satisfação em leitura, autoconceito global positivo e percepção positiva sobre o retorno do professor estiveram significativamente relacionados em ambos os grupos de alunos. A comparação social também se correlacionou significativamente com essas três variáveis.

A percepção que aluno tem sobre os sentimentos do professor em relação a si próprio está relacionada à auto percepção. Quanto mais positivas as percepções do aluno em relação aos sentimentos do professor, maior o seu progresso acadêmico. O relacionamento positivo entre estudante e professor gera a habilidade acadêmica e o progresso escolar dos alunos.

Nóvoa, (1992, p.8) afirma que

(...) como condição de uma prática profissional docente bem-sucedida. (...) a respeito da sistematização na forma de refletir sobre as problemáticas de ensino, de maneira que a racionalidade técnica ceda lugar à racionalidade prática e, conseqüentemente, seja gerado autoconhecimento e maior capacidade de responder às situações de forma responsável e inteligente. Desenvolver o hábito da reflexão diária e sistemática sobre o cotidiano sócio educacional ajuda em ações mais conscientes em relação às reações e necessidades de aperfeiçoamento e mudanças.

Para o desenvolvimento do autoconceito, o profissional precisa refletir sobre suas práticas, analisando como está sendo percebido pelos alunos, porque, a partir da maneira como os alunos o percebem, eles, os alunos, reforçam o conceito do eu, associando à concepção que têm do outro.

Na verdade, a atitude dos professores e suas opiniões em relação aos seus alunos têm uma influência significativa no sucesso deles na escola. De modo geral, quando o professor acredita que seus alunos podem progredir, os alunos tornam-se bem-sucedidos, quando o professor acredita que os alunos não podem progredir, isto influencia no desempenho deles negativamente.

Delors (2006, p. 27), ao tratar dos princípios da educação, pondera:

Entre os quais aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver junto, encontramos o autoconhecimento (aprender a ser), ou seja, a interação entre as formas de aprendizagem anteriores. O professor reflexivo, antes de tudo, é um educador e, como educador, precisa buscar constantemente o próprio aprimoramento, pois precisa conhecer-se para perseguir objetivos e vencer desafios sem nunca desistir, diante de sua missão de formar indivíduos capazes, críticos e autônomos, aptos a escreverem a própria história.

Para vencer as adversidades, o docente precisa buscar, dentro de si, a motivação para fazer a intervenção necessária, em seus educandos, de forma que a transformação da realidade, acontecerá por meio da formação sólida que possibilite a visão necessária às mudanças do cotidiano que, por sua vez, dependem do que o professor faz.

4. O que o docente faz?

Os professores apaixonados, com ou sem carros, buzina, o silêncio comodista, dão carona para os alunos que moram mais longe do conhecimento, saem cantando pneu da alegria (Gabriel Peressé).

O docente faz a diferença na vida dos alunos e na sala de aula, porque o comportamento que ele tem e as experiências que traz são percebidas pelos alunos, e têm impacto sobre eles. Ao considerar os aspectos relevantes na docência perceber-se-á as atitudes que o docente assume e a atmosfera desenvolvida no cotidiano escolar.

Perrenoud (2000, p.45).

A competência de um professor pode ser percebida através dos seus pensamentos, das suas posições, das suas atitudes perante os alunos. Muitos profissionais que possuem conhecimentos ou capacidades importantes, mas nem sempre sabem mobilizá-los de modo adequado, aplicando-os no momento oportuno. O cotidiano da sala exige do professor a reinterpretação de cada situação problemática, pois as condições de ensino mudam diariamente.

O docente, que tem amor à profissão e tem consciência do seu papel na sociedade, percebe a necessidade de estar atualizado e busca se aperfeiçoar com a finalidade de poder oferecer uma educação de qualidade para seus alunos.

Os parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.40)

Ressaltam sobre a prática de todo professor que, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis do professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. Cabe ao professor estabelecer normas visando uma boa relação entre professor-aluno e aluno-aluno, deixando claro suas expectativas e objetivos a serem alcançados através da cooperação e auxílio dos mesmos, para assim facilitar a realização de um bom trabalho.

O que o docente faz depende de sua competência e está relacionado ao seu fazer pedagógico, como os Parâmetros Curriculares Nacionais definem e segundo defende Perrenoud (2000, p. 52).

(...) durante a vida profissional do professor os conhecimentos construídos não são estanques, as competências por eles desenvolvidas não permanecem estáveis, podendo tanto desenvolver, quanto estacionar, dependendo do tipo de relação estabelecida pelo sujeito na aprendizagem construída e da competência desenvolvida para a transposição pedagógica, a formação ideal poderia ser aquela que acompanha as necessidades reais do educador e do educando. Para desenvolver competências é preciso, antes de tudo, trabalhar por problemas e por projetos, propor tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma pedagogia ativa, cooperativa e aberta.

Destacam-se ainda as ideias de Gadotti (2001, p.32):

A educação é obra transformadora, criadora. Para criar é preciso mudar, perturbar, modificar a ordem existente. Fazer progredir alguém significa modificá-lo. É preciso se autoanalisar em sala, para que se possa utilizar o saber prático associado aos conhecimentos teóricos em um diálogo coerente com aquilo que se constrói e acredita.

É concebida a educação como mecanismo de favoráveis ao desempenho das competências que o professor, enquanto educador, consegue assumir um papel importante no cotidiano dos educandos representado pela atitude que o docente assume.

5. Que atitudes o docente pode assumir?

Os professores apaixonados (...) querem multiplicar o tempo, somar esforços, dividir os problemas para solucioná-los (Gabriel Peressé).

Ainda que o profissional docente possua as melhores intenções, há momentos que pode projetar imagens distorcidas de si próprio. Hábitos negativos podem estar entranhados na sua prática sem tenha consciência, como por exemplo, não motivar sua turma ou dificultar a aprendizagem. Agindo assim, o professor não estará propiciando momentos de aceitação, de tolerância e, sobretudo, de estímulos desafiadores aos alunos.

O professor motivado dá o **melhor de si**, e faz o possível para conquistar o que almejam os estudantes. Freire, (2013, p. 25) *contribui* dizendo que *todo aluno quer ser conhecido como pessoa única, e que ao manter o aluno com estima, o professor está estabelecendo um ambiente que facilita o crescimento.*

Quando o professor assume expectativa de confiança nos alunos poderá realizar trabalhos surpreendentes, as expectativas exercem influência significativa no desempenho do aluno. De acordo com pesquisas realizadas sobre os efeitos das expectativas de professores, Rosenthal e Jacobson (1968, p. 312) revelam:

A pesquisa foi feita com o objetivo de verificar o efeito das expectativas dos professores sobre o rendimento dos alunos, especialmente de constatar se os alunos cujos professores tinham maiores expectativas de rendimento eram os que mais realizavam progressos. Para isso, foram apresentadas aos professores as crianças que tinham maior probabilidade de melhorar seu desempenho, tendo sido dito a eles que essas foram as crianças que obtiveram os melhores resultados em um teste de inteligência, quando, na verdade, os alunos foram selecionados aleatoriamente pelos pesquisadores e por seus assistentes. Os resultados revelaram que aquelas crianças que tinham sido indicadas como prováveis a terem melhor desenvolvimento intelectual mostraram um contato mais próximo com os professores, além de serem descritas por esses como as que mais provavelmente teriam sucesso no futuro, como as mais interessadas, como as que apresentavam maior curiosidade intelectual e como as mais felizes.

O professor que estabelece padrões definidos de valores, de exigências quanto à competência em cada atividade desenvolvida e de encaminhamento em relação à solução dos desafios, com objetivos claros de sua atuação, motiva os alunos a terem autoconfiança, promovem um ambiente organizado e bem delimitado.

Ao iniciar o trabalho com os acadêmicos, o docente de gerar expectativas, discutindo o processo de avaliação, efetivando acordos didáticos, isto é, socializando o planejamento da disciplina. Assim, acredita-se que os estudantes tomando ciência do processo, do fazer do professor, não só se sintam incluído nas ações como também obtenha resultados significativos e melhor construa seu autoconceito.

O comportamento desenvolvido em sala e fora dela deve revelar autenticidade do docente, para que o aluno possa confiar e estabelecer vínculos além da universidade. O relacionamento na e fora da escola contribui também à construção do autoconceito e da autoconfiança, resultando em satisfação pessoal de ambos os envolvidos na relação.

6. Que atmosfera o professor pode criar?

Se estão apaixonados, e estão fazendo da sala de aula um espaço de cânticos, de ênfase, de sínteses que demonstram, pela via do contraste, o absurdo é viver sem paixão, ensinar sem paixão (Gabriel Peressé).

Para favorecer ou facilitar a criação de uma atmosfera na sala de aula que promova o desenvolvimento da autoimagem, é preciso estabelecer pontos que sejam relevantes. Gil (2014, p. 64-65) registra seis aspectos que geram atmosfera favorável no ambiente escolar:

- a) Humor: Professores bem-humorado conseguem manter os alunos mais facilmente atentos aos grupos. Frases espirituosas e exemplos pitorescos constituem eficientes.
- b) Entusiasmo: O entusiasmo do professor com frequência transmite-se para os alunos. Por essa razão, convém que os professores somente se disponham a ministrar determinada matéria quando estiverem convencidos de sua importância.
- c) Aplicação prática: Poucas coisas são tão dispersivas quanto um longo discurso que não indique alguma aplicação prática. Por essa razão é que se tornam muito úteis os exercícios e trabalhos práticos propostos para os alunos.
- d) Recursos auxiliares de ensino: Os recursos audiovisuais são muito importantes para manter o grupo atento, a eficiência obtida com esses recursos torna-se mais ainda quando sua utilização é diversificada.
- e) Participação: A intenção de um grupo aumenta à medida que sua participação é solicitada. Cabe, no entanto, considerar que só convém serem feitas ao grupo perguntas que possam ser respondidas sem maiores dificuldades. Perguntas mais complexas podem, ao contrário, servir para inibir os participantes.

Aqui considero a necessidade de o professor conhecer os alunos para criar o clima de harmonia favorecendo o humor, o entusiasmo, possibilitando momentos de construções conjuntas com credibilidade para ambos, de forma que a atmosfera seja prazerosa sendo o espaço de sala de aula um ambiente atrativo como a extensão de sua casa.

O professor pode criar desafios com efeitos positivos desde que o conteúdo seja significativo para o aluno e que se sintam desafiado. Outro ponto é a liberdade dada ao discente. Ter liberdade de expor o seu ponto de vista em um ambiente propício respeitando os seus

sentimentos, oportunizando o aprendiz à tomada de decisão pessoal. Para tanto, o professor precisa estar se perguntando: “será que estou encorajando os meus alunos a fazer algo novo”? Será que estou permitindo que os alunos tenham voz no planejamento e deixo-os ajudarem a fazer as regras que eles deverão seguir? Será que permito que os alunos desafiem a minha opinião? Estou lecionando com uma metodologia adequada e interessante? Tenho evitado competições injustas e implacáveis na sala de aula? As questões levantadas precisam ficar claras para os alunos evitando assim os conflitos e elevando a autoestima.

Quanto ao respeito do professor pelo estudante é um processo a ser aprendido na escola, quando eles se esquecem do respeito estão esquecendo outros sentimentos, por exemplo, a autoestima, a autoconfiança e as expectativas de sonhos de seus alunos.

Nesse sentido, o respeito ao outro é essencial na construção de atmosfera agradável à aprendizagem. Demonstrações simples corroboram para isso: chamar os alunos pelo nome, dividir sentimentos, ser cordial, reservar tempo para conversar sobre banalidades, dar atenção individual, tecer comentários positivos, demonstrar preocupação com a ausência de alguém são formas de criação desse ambiente.

Por fim, o professor precisa acreditar que a inter-relação pessoal, enlevada pelo respeito mútuo, pela preocupação com o outro agrega valores na convivência, efetiva e fortalece o trabalho docente, que é um dos maiores responsáveis pelo crescimento e pela definição de futuro pessoal e, por conseguinte, melhora substancialmente a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professores apaixonados acordam cedo e dormem tarde, movidos pela ideia fixa de que podem mover o mundo (Gabriel Peressé).

Pensar sobre a docência, depois de ter atuado há mais de quarenta anos no magistério, as considerações são ao mesmo tempo dimensões e recortes de lembranças e de concepções acerca do eu e do outro. Ser professor é um exercício contínuo de perguntar-se sobre as crenças no fazer e naqueles que estão envolvidos na escola como seres em formação.

A melhor síntese da atuação é, sem dúvida, a construção de si mesmo, orientada pelos autoconceitos, autoestimas e valorização da alteridade, representada na presença do estudante, que faz parte do universo escolar e é matéria-prima da prática profissional do docente.

REFERÊNCIAS

ARANTES, V. A. Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento. *In*: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

AXPE, I.; GOÑI, E.; ZULAIKA, L. M. Modificabilidadeducativa del autoconcepto físico. *In*: GRANDMONTAGNE, A.G. (Coord.). **El autoconcepto físico**. Madrid: Ediciones Pirámide, 2009.

BEAR, G. C., MINKE, K. M., GRIFFIN, S. M. & Deemer, S. A. (1998). **Achievement-related perceptions of children with learning disabilities and normal achievement: group and developmental differences**. *Journal of Learning Disabilities*, 31(1), 91-104.

BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CASASSUS, J. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

DELORS, Jacques. (org). **Educação**: um tesouro a descobrir. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. **Didática para o ensino superior**. São Paulo: Iglu, 1998.

MENDES, A. R. **Saúde docente**: uma realidade detectada – em direção ao bem-estar e a realização profissional. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MOSQUERA, J. J. M. **Vida adulta: personalidade e desenvolvimento**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

NÓVOA. A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre. Aarmed, 2000.

PURKEY, W. The Task of Teacher in: **Self-concept and School Achievement**. New Jersey: Prentice Hall, 1990.

Rosenthal, R. & Jacobson, L... **Pygmalion in the classroom**: teacher expectation and pupil's intellectual development. New York: Holt, Rhinehat & Winston. 1968.

STOBÄUS, C.D. **Desempenho e autoestima em jogadores profissionais e amadores de futebol**: análise de uma realidade e implicações educacionais. 1983. Dissertação (Mestrado

em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido para publicação em agosto de 2016

Aprovado para publicação em agosto de 2016